
Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense

ADRIAAN DE MAN*

R E S U M O A cerâmica que aqui se apreciou é proveniente de unidades tardias, posteriores ou, no melhor dos casos, pertencentes ao século IV; foram escavadas na casa de Cantaber, no anfiteatro e no bico da muralha. As peças tipicamente imperiais são ainda abundantes em determinados estratos, quer por constituírem material residual, quer por se tratar de continuidades no fabrico e na forma. Como se verá, as tendências alteram-se apenas lentamente, e a ritmos alternados.

A B S T R A C T The pottery is originary from late units, belonging at least to the fourth century; it was excavated at the house of Cantaber, at the amphitheater and also at the western corner of the wall. The typical imperial pieces are still abundant in some strata, whether they constitute residual material or simple continuities in fabric and form. These tendencies change only very slowly, and at different rhythms.

1. Sobre os materiais

Tem sido um lugar-comum, embora combatido, afirmar que determinados estabelecimentos romanos tardios teriam sofrido um eclipse demográfico entre os séculos VII e X, com base numa suposta ausência de cerâmica. Idêntico argumento se utilizou para a primeira metade do século III, depois do apogeu da *sigillata* hispânica, mas antes da importação da clara (Cepas Palanca, 1995, p. 421). É verdade que existiu uma alteração marcada nos padrões de assentamento; repetidas alusões árabes à fuga da população para os montes fariam pensar que a conquista acelerou um processo que já se vinha a dar desde a época precedente (Acién Almansa, 1993, p. 165). Ao lado de uma estruturação ainda integrada iam surgindo povoados fortificados rurais, *ex nouo* ou então reocupando castros pré-romanos (Gutiérrez González, 1993, p. 23), mas é preciso distinguir entre um retiro estratégico, temporário, e uma eventual tendência autárquica, rasgando em definitivo o tecido social romano.

Neste quadro, a referida não-existência de cerâmica é, com certeza, enganadora. Acreditamos que, ao desaparecer o comércio de cerâmica fina, ficou apenas visível uma manufatura comum e

heterogénea, que se teve de adaptar localmente. Até os princípios do século VII há ainda um domínio muito significativo da produção africana na Península, mais no litoral sul, contrariando um pouco a hipótese levantada nos anos setenta para justificar a importação súbita de *Late Roman C* (de *sigillata* foceense tardia, portanto) em Conímbriga, em aparente detrimento da *sigillata* africana: a ocupação vândala (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975, p. 288). Reynolds corrobora, de certa forma, esta ideia (observa-se um decréscimo de T S Clara nalgumas áreas, paralelamente a uma continuidade noutras; *vide* Reynolds, 1995, cap. 2), mas afirma o mesmo corte em relação às importações orientais, inclusive às de cerâmica comum (1995, p. 103), e parece-nos que a desagregação da estrutura romana planificada deve ter outras causas. A importância da alteração geopolítica não é de subestimar, contudo surge como perfeitamente lateral, pelo menos no quadro da cerâmica comum, que não é sempre local, e a que o é pode muito bem não ser comum.

Existem muitas provas de mobilidade de cerâmicas tardias de cozinha ou de armazenamento (C.A.T.H.M.A., 1991, p. 29-42), que, ainda assim, são olhadas como complementares às correntes de *sigillata*. Esta visão parasitária, e por isso também desdenhosa, é matizada pelo facto de a cerâmica comum fazer parte, em várias partes do Mediterrâneo central e ocidental, de grandes transportes marítimos (Gutiérrez Lloret, 1998, p. 172-173), o que pode apenas ser explicada por se tratar de uma carga “real”, não uma de retorno. Acreditamos numa regressão comercial e numa crescente dificuldade em organizar um tráfego de médio (para não falar em longo) curso, a partir do século VI, mas não num corte, pelo menos até os últimos anos do século VII. O ano de 698 marca a queda definitiva de Cartago, feito estrategicamente desastroso para a velha ordem comercial no ainda *mare nostrum*, que só a partir deste momento avistava o princípio do seu fim. Em pouco tempo, o tráfego marítimo cristão no Mediterrâneo reduzir-se-ia drasticamente, com a destruição da quase totalidade das frotas e portos, entre os quais os de Marselha e Narbona, por parte da pirataria (leia-se corso) muçulmana. Ainda que pareça possível que os ataques árabes tenham diminuído progressivamente de intensidade, mas essa rarefacção haveria de ocorrer apenas a partir do século X (Poisson, 1998, p. 52-53). Se as rotas de transporte marítimo continuam abertas, pelo menos até os inícios do século VII peninsular, isso deve-se também à presença bizantina. Helena Catarino aceita que o fim das importações de *sigillata* africana e foceense esteja em relação directa com a finalmente obtida hegemonia visigótica (Catarino, 1997/98, p. 752-753).

Perante o leque morfológico disponível para o período clássico no Mediterrâneo ocidental (Vegas, 1973), a primeira constatação é que o repertório tardio foi sofrendo uma progressiva simplificação. Evidencia-se um empobrecimento morfológico, mas que não implica automaticamente uma produção modesta, de auto-consumo e de circulação circunscrita (Della Porta, Sfredda e Tassinari, 1998, p. 137). Esta tendência é visível em Conímbriga, na diminuição de variantes de bordo e, no fundo, dos perfis completos, mas também na perda de depuração das pastas. Não se trata de um desinteresse estético, na medida em que a incapacidade, ou a desnecessidade, de evoluir no formato é compensada por determinadas soluções decorativas. As linhas incisivas e onduladas nos ombros ou bojo reflectem uma tentativa de inovação ornamental, que culmina nos cordões plásticos digitados. Há quem tente interpretar estas soluções não como enriquecimento mas como camuflagem (Alcorta Irastorza, 2001, p. 187); de facto, não sabemos refutar a ideia mas ainda que tenha sido esse o objectivo, a motivação inicial continua a ser uma preocupação com a harmonia do recipiente.

Ao mesmo tempo que se reduzia as variantes formais, as pastas começaram a apresentar quantidades muito maiores de impurezas. A degeneração do fabrico vai a par de um retorno às cozeduras defeituosas, e Alcorta Irastorza apontou um detalhe em *Lucus Augusti* (2001, p. 186) que é transponível para Conímbriga: não é dada a menor importância às irregularidades, desde que não

afectem a segurança ou a resistência da peça. São muito comuns as manchas causadas por uma maior ou menor exposição ao fogo, ou então os grandes negativos que resultam do desaparecimento de intrusões, quando sujeitas a temperaturas elevadas. A falta de homogeneidade na coloração é, por si, um indicador directo de não ter havido grande controlo sobre as condições de cozedura, o que por sua vez aponta para uma tipologia deteriorada de fornos. Nos estratos tardios, já não existe a cerâmica alaranjada imperial, mas mesmo assim há peças bem cozidas, em proporções menores mas estáveis. Podem ter sido sujeitas a uma cozedura oxidante, sem terem chegado à fase em que o ferro se converte em óxido de ferro. Admitimos, contudo, que se torna muito difícil identificar matrizes realmente isotrópicas, ou seja, sem oscilações de cor, mesmo nos fragmentos que nos parecem feitas em fornos com alguma sofisticação. As pastas escuras, negras e cinzentas escuras, pelo contrário, são geralmente tidas como sujeitas a uma cozedura redutora, em fornos improvisados e sem circulação de oxigénio. Mas Orton, Tyers e Vince (1993, p. 69) apontam para um facto óbvio, o de essa coloração poder indicar apenas uma combustão insuficiente do material orgânico, tendo havido uma exposição demasiado curta ao fogo. Lembremo-nos que as matérias carbonosas perdem a sua coloração negra através do calor (Costa, 2001, p. 122). De qualquer modo, é certo que uma cozedura prolongada só produzirá cores escuras quando existe contacto directo com lenha verde ou palha; a carência de ar num forno fechado mas sem exposição ao fumo da combustão torna as pastas amareladas (Beltrán Lloris, 1990, p. 94). As tonalidades de cor-de-laranja implicam sempre uma circulação de oxigénio e, portanto, uma câmara de cozedura separada do local do fogo.

A distinção através da cozedura será, em nosso entender, secundária, porque contribui muito pouco para uma boa determinação de tipologias, embora estejamos cientes de que nem todos partilham esta opinião. Na esteira de Bazzana e Picon, Gutiérrez Lloret (1988, p. 128) põe o dedo na ferida ao apontar a pseudoprecisão nos conceitos de cozedura redutora (o ferro transforma-se em óxido magnético, tornando a cor cinzenta ou negra) e oxidante (pastas vermelhas ou alaranjadas, pelo óxido de ferro). A divisão mais correcta estabelecer-se-ia entre cozedura e pós-cozedura, oxidante ou não. O problema é que não se pode fabricar um esquema, mesmo baseado num código de cores fiável, porque só é permitido confiar nas diferenças de coloração nos casos em que a cozedura tenha sido realizada em ambientes idênticos, durante um tempo idêntico, e, principalmente, quando existe uma percentagem de ferro idêntica (Bazzana, 1979, p. 173). Nas pastas pobres nesse minério, uma cozedura perfeitamente “oxidante” nunca resultará em cor-de-laranja; temos vários exemplos de beges ou cremes que se devem simplesmente à ausência de óxido de ferro. Ou seja, a coloração final não depende apenas do ambiente e da duração em que a peça é cozida, mas principalmente da percentagem de ferro existente no barro. Ainda assim, é curioso que também na amplitude de cores do produto final tenha havido uma simplificação; no século IV circulavam peças que variam entre o encarnado (Munsell 10 R 4/8) e o castanho muito pálido (10 Y R 7/4); aparentemente, o espectro foi-se retraindo e se lhe tivermos de encontrar uma razão apontamos, em grande parte, para as limitações no processo de fabrico. Mas também, talvez pela primeira vez desde a Pré-História, para a utilização estrita e exclusiva de pastas realmente locais.

A cerâmica em apreço só muito raramente atingiu o ponto de vitrificação, e nos casos em que isso ocorreu não é visível uma real cobertura impermeável. Se houve intencionalidade, ela limitou-se a interromper o processo, mas achamos que a camada proto-vítrea ocasional na cerâmica tardia conimbrigense seja resultado mais do acaso do que de um propósito.

O material predominante nos estratos tardios é de composição bastante arenosa, nalguns casos relativamente bem cozida, o que, como se acaba de referir, não implica automaticamente

resultados previsíveis. E quando a mesma matéria é sujeita a uma cozedura pouco homogênea, com oscilações não controladas de temperatura, em geral baixas por se tratar de fornos improvisados, o produto final apresenta verdadeiras deficiências na consistência da estrutura. Nalguns casos, esta fragilidade é tão notória que a pasta se desintegra perante uma pequena fricção. Contrariamente ao que se poderia pensar, esta maior porosidade não se associa a pastas menos depuradas. Surgem, igualmente, grandes impurezas ocasionais onde não seriam de esperar, em particular nalgumas paredes mais finas e de cozedura oxidante e consistente. Convencionou-se apelidar este material de *grés*, mas o termo é vagamente utilizado, inclusivamente para descrever cerâmica que não tem nada em comum com a que está em estudo. Parece-nos, aliás, que o termo se refere, na maioria das vezes, a peças com uma grossa e evidente vitrificação (Dufournier e Flambard, 1987, p. 139-142) e não a um tipo de pasta específico, pelo menos não à que é publicada nas *Fouilles*. Se bem que o grés, em pedologia e em geologia, seja formado por areias quartzosas cimentadas. No fundo, o que varia para a matéria-prima da cerâmica é, exactamente, este cimento, mais argiloso e, consequentemente, mais maleável. Não vemos, portanto, grande inconveniente em continuar a aplicar uma terminologia que se institucionalizou desde os anos setenta, em vez de avançar gratuitamente com outra, meramente paralela.

Jorge de Alarcão (1975, p. 102) distinguiu consoante a presença ou ausência de engobe, mica e partículas ferruginosas; estas características aparecem geralmente numa qualquer associação aleatória, não servindo de critério para formar grupos distintos. E muito embora Nolen (1995, p. 114) faça uma distinção entre argilas residuais, entre as quais se encontram as ferruginosas, e argilas transportadas, como as quartzosas, verificamos que em Conimbriga há muitos arenitos tardios com minerais magnéticos que, simultaneamente, contêm quartzo e mica em abundância. A análise destas pastas foi feita por Teresa Sanches, que utilizou principalmente a difracção por raios X para classificá-las. Parecem originárias da mancha triássica que se estende de Anadia a Tomar (Sanches, 1972, p. 168).

Em todos os casos, o cimento é bastante argiloso, e por isso retém uma quantidade variável de água, além de ser composto, como é visível durante uma mera observação macroscópica, por proporções muito incertas de feldspatos, mica e quartzo. Os seus minerais característicos, contudo, são produtos de meteorização química (Costa, 2001, p. 124), o que lhe confere uma matriz própria, independente dos outros elementos que possam estar presentes, mas que, conjugados, exercem uma influência caprichosa e imprevisível aquando da sujeição a modificações térmicas. O resultado da cozedura de peças cerâmicas depende, por isso, em grande parte das reacções químicas.

Os elementos não plásticos são muitas vezes tidos como desengordurantes, intencionalmente adicionados à argila, e isso é admissível para determinados cristais ou matérias vegetais. Só que a maioria das impurezas que se distinguem na pasta já se encontram na matéria-prima, e é mais provável que o oleiro as desejasse remover em vez de adicionar. Mas um dos maiores óbices parece-nos ser o facto de ocorrerem alterações estruturais a partir de determinadas temperaturas de cozedura, que mudam a constituição, e por isso também o aspecto, dos componentes compósitos. Por exemplo, é muito comum a denominação de *pasta calcítica*. Mas a calcite começa a transformar-se em óxido calcítico aos 800°C, desfazendo-se antes dos 900 — a 894°C em condições ideais (Echallier 1984, p. 16) —, tal como os outros carbonatos, e quando está presente em nódulos concentrados, começa a eclodir aos 750 graus. É evidente que continua a tratar-se da mesma pasta original, mas, tendo sofrido uma tão grande transformação, já não é reconhecida como tal. A partir destas temperaturas, que são possíveis de obter em fornos relativamente simples, ocorre uma metamorfose dos materiais; quando uma tal fronteira térmica é ultrapassada, começa a desaparecer a *memória*

cerâmica, ou seja, torna-se cada vez mais difícil definir a matéria-prima original. Continuando com o mesmo exemplo, a calcite é um material de fácil desagregação, recristalizando em meios porosos, o que começa a acontecer já aquando do arrefecimento. É durante esta fase, mais do que ao longo da permanência em estratos selados, que o CaO se reconverte em carbonato, surgindo de novo a calcite, que se mantém, contudo, microcristalina (Echallier, 1984, p. 16). Como a cerâmica enterrada tende para o equilíbrio com o meio em que se encontra, acontecem frequentemente infiltrações nas matrizes da olaria arqueológica. A transformação paulatina de materiais não sujeitos a temperaturas suficientemente altas para lhes alterar a estrutura redonda, em última instância, na assimilação completa da peça pelo meio envolvente.

2. Sobre a cronologia

A partir da observação do conjunto, achamos possível descortinar pelo menos três períodos de utilização, eventualmente subdivisíveis. Nenhum deles é verdadeiramente “visigótico” ou “islâmico”, porque é notória a continuidade de formas e técnicas romanas; nem sequer é visível a típica decoração estampilhada germânica, que noutros sítios se funde facilmente com soluções morfológicas locais (Della Porta, Sfredda e Tassinari, 1998, p. 137). De novo, julgamos poder distinguir aqui um traço de autonomia cultural, e portanto uma prova de continuidade hispano-romana muito tardia. As formas destes arenitos gresosos são essencialmente de armazenamento e/ou de cozinha: prevalecem os potes, as púcaras ou jarras e os alguidares. Em quantidades menores mas significativas surgem pratos e talhas. Apresentamos algumas tendências morfológicas que nos parecem evolutivas, o que não significa que se trate de uma sistematização, e muito menos de um esquema decalcável. Até porque, como assinalou Inês Vaz Pinto (2003, p. 23), a maioria das formas tem uma longa duração, enquanto outras desaparecem e voltam a surgir. Esta crítica, com certa razão aplicada à obra de Vegas, por pretender constituir uma sistematização da evolução morfológica no Mediterrâneo ocidental, pode não ter idêntica força no tocante às realidades locais. É que, apesar de muitos não concordarem connosco neste aspecto, continuamos a acreditar que é mais evidente para um oleiro mudar de matéria-prima (e até, para o efeito, de forno) do que de técnica de modelação.

2.1. Fase 1

Numa primeira fase, denota-se uma transição baseada em fórmulas morfológicas baixo-imperiais, mas enquadráveis, apesar de tudo, numa cronologia avançada. Estas produções começam a ser consideráveis em contextos do século IV, em formas relativamente standardizadas, apesar de, ocasionalmente, fazerem a sua aparição em época anterior. Acompanham o advento e declínio de *sigillata* africana, e parecem-nos contemporâneas não só da esporádica aparição da *sigillata* hispânica tardia, mas principalmente da afirmação da *sigillata* clara D. Que, em meados daquela centúria, ultrapassa as importações da clara C, e a sua mobilidade até ao século VI é demonstrável em Balsa, Tróia (Quaresma, 1999, p. 178) e na própria Conímbriga (Alarcão, 1975, p. 261). Os arenitos gresosos que acompanham este material ainda não são majoritários, e dividem o espaço com a cerâmica alaranjada imperial, bem torneada e bem cozida. Quer-nos parecer que é exactamente este o material predominante em sectores definidos da *uilla* do Rabaçal (podemos observar esta cerâmica por gentileza de Sónia Vicente), cuja potência stratigráfica é

muito reduzida. A construção da *pars urbana* ocorreu por volta de 360 (Pessoa, Rodrigo e Santos, 2001, p. 18-19), e o complexo terá sido afectado pelos ataques suévicos, cem anos depois, apesar de alguns elementos arquitectónicos dispostos no museu fazerem pensar numa possível sobrevivência enquanto edifício de culto. De qualquer modo, uma ocupação efectiva tão curta encerrou um conjunto cerâmico definido. Que, por sinal, é perfeitamente análogo ao da primeira fase tardia de Conímbriga.

Nesta fase observamos uma grande predominância de peças que terminam em bordo de triângulo perfeito; elas são geralmente associadas aos níveis mais tardios da romanidade. É verdade, contudo, que surgem derivações que se aproximam vagamente do lábio emoldurado em estratos pós-clássicos, cujos colos tendem a atrofiar. O bordo horizontal não é muito usual, e parece-nos situável essencialmente no Alto Império. O bordo aplicado pode tê-lo substituído antes do século IV, contudo um fragmento, eventualmente intrusivo, provém de um nível bem posterior à construção da muralha.

Quando um pote apresenta um bordo emoldurado (7), o encaixe pode fazer pressupor a utilização de uma tampa, mas há formas semelhantes em que essa possibilidade é já difícil de aceitar. São meros bordos arredondados; ou vagamente protobífidos, no melhor dos casos.

Nos *dolia* — ou, a ter em conta as dimensões, os potes — mais bem representados é notória uma tendência de simplificação que se estende ao lábio. Referimo-nos à variante que nas *Fouilles de Conimbriga* se chama *em forma de rim*. Trata-se de um lábio muito virado, de modo que se dobra quase por completo sobre os ombros. Nos exemplos alto-imperiais, isso traduz-se num leve ondulado, já que o extremo tende a levantar-se, distanciando-se do corpo (3). Em vários casos, o resultado parece pouco fluido porque o perfil forma uma curva muito repentina, dando a impressão de ombros caídos. Nos exemplares atribuíveis ao Baixo Império, o lábio deixa de ser ondulado e torna-se, por conseguinte, paralelo à parede do ombro, sobre o qual se apoia completamente. A partir do século V ocorre uma estilização desta técnica de dobrar o bordo sobre si mesmo, aproximando-se de um mero engrossamento (5).

O facto de vermos nas variantes com lábio excessivamente engrossado um culminar do lábio dobrado não significa que todas as peças apresentem um apêndice a demonstrá-lo. Em muitos casos, ele já é muito pouco nítido, e é de admitir que tenha havido interferência dos bordos simples envasados.

As formas de púcaro colo estreito alto-alentejanas surgem em muito maior proporção que as de colo largo (Nolen, 1985, p. 35), e essa conclusão parece-nos generalizável para o panorama imperial da *Lusitania*. A situação começa a inverter-se a partir desta primeira ocupação que se segue à construção da muralha defensiva. Torna-se nítido que outros contentores de líquido sofreram uma drástica diminuição, para dar lugar ao púcaro, uma forma já conhecida mas até então pouco popular.

Acreditamos que as formas das tigelas troncocónicas sejam, ainda que remotamente, baseadas nas taças Dragendorff 37 tardias; há muitos exemplos que se lhes inspiram conceptualmente (Nolen, 1985, p. 104). Em todo o caso, não é por se distinguir a típica contra-curvatura que tenha havido uma influência directa, ou uma vontade de imitação concreta da *sigillata* (hispânica) tardia.

Os potes associáveis à forma 1 surgem geralmente nas camadas pós-clássicas relativamente precoces (ou melhor, surgem cada vez menos nas posteriores), e trata-se de uma das sobrevivências mais nítidas do período precedente. A proeminência da moldura do lábio, côncavo, insere-se, portanto, numa esfera cultural em vias de afastamento do que seria tipicamente imperial, mas ainda não nos parece definitivamente medieval.

2.2. Fase 2

Durante um segundo ciclo ocupacional observa-se uma predominância de potes ou púcaros de bordo virado para fora, com lábio arredondado ou mesmo engrossado. Os púcaros têm apenas uma asa, puncionada ou ainda não, e evoluem, a partir do século VI, para perfis com dupla carena, na base e no ombro (Catarino, 1997/98, p. 756). Nestes níveis, as cozeduras consistentes e as pastas bem depuradas já são muito residuais. Juntamente com estas formas aparece, em grande quantidade, o alguidar com decoração digitada no lábio (22, 23). Frequentemente, existe um cordão aplicado, também digitado. Colocou-se a hipótese de esta nova moda decorrer de uma necessidade cada vez mais premente: a água (Alarcão, no prelo), numa cidade com uma distribuição já muito deficitária. Lembremo-nos que não existem nascentes dentro da muralha.

Vemos este período ocupacional pós-clássico como contemporâneo das alterações estruturais, na topografia e na política, que resultam do crispamento social que se segue à vigência política suévica, prévia à hegemonia visigótica. A manutenção de modos de vida hispano-romanos, adaptados a um enquadramento pós-clássico (De Man, no prelo), obriga a ajustamentos na cultura material.

Os potes que se enquadram nas categorias 2 e 4 são de dimensões muito variáveis; de facto, trata-se de uma forma bastante óbvia, podendo acontecer que sejam adicionadas duas asas, em forma de pega, muito embora esta solução só seja adoptada em recipientes muito grandes. Nestas peças tardias, é frequente existir uma decoração estriada, o que no interior pode ser entendido como resultante da rotação aquando da manufactura; quando ela surge na parede externa, é provavelmente uma tentativa de adorno, e não uma falha no acabamento.

Na maioria dos casos, é impossível reconstituir o perfil dos potes, e torna-se pouco claro se os bordos correspondem a corpos mais arredondados ou se, pelo contrário, se aproximam do oval. Em peças de perfil homogéneo, a curvatura do bordo pode apresentar-se menos abrupta, não havendo interrupção nítida na transição para os ombros, como acontece no tipo anterior. Por outro lado, temos um exemplar mais anguloso que, para além da dupla canelura, exhibe um engrossamento no bordo, e o lábio, arredondado, torna-se nitidamente reentrante.

Apesar de se tratar de paralelos geograficamente — e portanto também, em certa medida, culturalmente — distantes, não podemos deixar de considerar aqueles que são nítidos no seu parentesco. É que uma grande parte deste conjunto é surpreendentemente parecida com materiais resultantes da abadia de Farfa e de Casale San Donato, com horizontes definidos entre os séculos VI e IX (Patterson e Roberts, 1998, p. 426). Referimo-nos principalmente aos potes (*cooking and domestic wares*) com as curvaturas de perfil dos números 77, 78, 83, 88, 92 e 119, para mencionar apenas os mais evidentes. Do mesmo modo, apontamos para as ilustrações da lâmina I de um estudo sobre a zona de Barcelona (López Mullor, Fierro e Caixal, 1991): há boas equivalências formais. Note-se que, mesmo sem paralelos exactos, o espírito de fabrico é o mesmo e existe um *terminus post quem* de 965. O mesmo se dirá dos potinhos encontrados em Álava, com decoração ondulada, que parecem ter sido típicos entre os séculos V e VIII (Gil Zubillaga e Sáenz de Urturi, 2001, p. 94-100).

Encontramos potes reconduzíveis ao tipo 9 em La Huesa (97/108/J/3/2, 97/108/K/3/18 e 97/108/K/3/20), com um horizonte temporal bastante alargado: entre os séculos V e X (González, 2001, p. 7), e, como acontece para a maioria das formas, existem no grés da própria Conimbriga: 35 e 292 (Alarcão, 1975).

A diminuição das variantes formais é particularmente notória nos jarros, apesar de não estarem presentes em grande número. Se para o Alto Império existe uma grande diversidade, podemos constatar sem dificuldade que os exemplares conimbrigenses tardios não se afastam muito de dois

subgrupos: os jarros com corpo ovóide, quase alongado, com um bordo simplesmente arqueado, e os trilobulados, que são dificilmente reconstituíveis a partir de um fragmento. Ambas as formas têm uma asa. Não sabemos se existia uma relação entre estas formas e o conteúdo dos recipientes, ou seja, se umas serviam para o vinho enquanto que outras continham água, um pouco como acontece com a lógica do fabrico de ânforas (Vegas, 1973, p. 88).

Ao comparar os exemplares 13, 16, e especialmente 14 e 15 com certos púcaros ditos tardo-romanos de Conímbriga (Alarcão 1975, XLII e XLIII) – 823, 830, 838, 839 e 840 – e com a *jarra* 15, islâmica, do Grupo Alicante de Gutiérrez Lloret (C.E.V.P.P., 1991, p. 63), a semelhança torna-se flagrante. A sua aparente ausência em bons trabalhos de síntese para os séculos V a VII, como é o de C.A.T.H.M.A., sustentaria a eventualidade de estes recipientes serem produto de uma nova influência, já medieval. Enquadra-se nesta ordem de ideias o exemplar 3.4 de Ostia, ainda do século VII (Pavloni, 1998, p. 393), e apesar de não querermos afastar estes colos da nova tendência que aparecerá na centúria seguinte, somos levados a considerar uma transição mais lenta e, por isso, menos radical.

O material atribuível a esta fase tem afinidades com grande parte da cerâmica da fase IIIa das escavações na rua de Nossa Senhora do Leite, em Braga (Gaspar, 1985, p. 86). Apesar da sua cronologia lata, estes contextos bracarenses parecem de abandono de estruturas imperiais, e as camadas 9 e 10 revelam-se particularmente interessantes: a redução formal até as séries de potes, púcaros e jarros, todas elas decoradas com incisões e cordões aplicados é, como se viu, típico de um quotidiano tardio, ainda influenciado pela cultura material hispânica tardo-romana. O único algiudar das escavações é precisamente oriundo da camada 9. As punções ainda não são golpeadas, como virá a acontecer mais tarde, mas são meras perfurações, como o exemplar “tardo-romano” 755 de Baños de Valdearados, Burgos (Argente Oliver, 1979, p. 191).

Gostaríamos de deixar explícito que as características formais de uma peça isolada não permitem, por si, uma valorização cronológica linear, na medida em que essa individualização retira o objecto do contexto em que ele faz sentido. É-nos mais cara a apreciação de um conjunto do que a tentativa de racionalizar pormenores, tentando definir regras que provavelmente nunca existiram na realidade.

2.3. Fase 3

Nas unidades estratigráficas mais tardias, que geralmente correspondem a conjuntos de silos (no anfiteatro e na casa de Cantaber, por exemplo), há já uma total ausência de *sigillata*, e os arenitos, ainda que feitos do mesmo material do horizonte anterior, tomam formas próprias. São púcaros e jarros com asa perfurada, e testemunham uma congruência ocupacional distinta, onde predomina o recipiente transportador de líquido, em pastas relativamente bem cuidadas, e com decoração incisa (na asa e no bojo) e ondulada (no ombro). Este tipo de adorno tardio é um fenómeno bastante bem documentado (N.R.F.R.C., 1998, p. 210) mas, simultaneamente, pouco associado ao seu contexto de circulação. Mas o facto de constituir a decoração menos presente em unidades comprovadamente islâmicas (Catarino, 1997/98, p. 491) faz-nos acreditar que, contrariamente ao ciclo precedente, durante o qual aparece em grande força, a punção na asa encontra o seu fim nos contextos muçulmanos mais consistentes. O que não tem necessariamente uma aplicação cronológica, mas sim essencialmente cultural; as correntes modais tiveram o seu desenvolvimento particular conforme o substrato cultural em que emergiram. Não acreditamos que, em Conímbriga tenha alguma vez existido uma influência islâmica (nem, para o efeito, uma visigótica) suficiente-

mente densa para que determinasse a evolução da olaria local — como parece ter acontecido na vizinha Coimbra —, pelo que as soluções formais e de fabrico continuaram a derivar a partir de modelos pré-islâmicos.

As asas puncionadas de secção circular são de dimensões mais pequenas, e correspondem a jarrinhos ainda remotamente provenientes de uma lógica produtiva imperial. Pelo contrário, as grandes asas de lingueta atestam já um universo cultural posterior. Ambos os tipos coexistem, mas numa razão oposta, e a asa de lingueta acaba por predominar, não por si mas devido ao tipo de recipiente a que está associado.

Continuam a ser utilizados os alguidares, como ficou patente através da recente escavação do templo romano de Nossa Senhora das Cabeças, Covilhã. Pedro Carvalho (2003, p. 161) descreve uma camada de reocupação do sítio, inscrito nos séculos XII e XIII, com materiais associáveis aos desta terceira fase, nomeadamente as bases planas alargadas dos alguidares e a decoração incisa e por cordões digitados. As peças das camadas mais antigas do castelo de Belmonte (Marques, 2000, p. 278-280) são-lhes aparentadas, com uma cronologia semelhante.

Até aqui, os potes apresentam quase sempre uma curvatura côncava, com um lábio condizente, ou seja, que segue a direcção dessa curva como um prolongamento natural. O perfil resultante é, portanto, em S. Apenas no século XII, a evolução deste colo chegaria a um estado perfeitamente cilíndrico (Bazzana, 1986, p. 96), e estas formas apresentam quase sempre um lábio direito, com engrossamento externo. Contrariamente às peças mais antigas, estas produções tardias aparentam ter sempre duas asas. Os colos rectos, cilíndricos podem também ser associados a contextos emirais (Gutiérrez Lloret, 1996, p. 181). Em especial os profusamente canelados, ocasionalmente pintados; o corpo tende para o semiglobular e o fundo aplanar-se. Mas convém lembrar que estas variantes não são assim tão raras no mundo romano, e nem sequer parecem ser nitidamente tardias, por vezes até apresentando estrias exteriores quase a roçar a canelura (Fernández, 1992; Cicirelli, 1996, p. 164; Sénéchal, 1975). Apesar de se tratar de formas bem diferentes entre si, apontamos para uma tendência que, não deixando de ter o seu quê de marginal, vai aparecendo em contextos relativamente precoces. Não são verdadeiramente arquetípicas, porque emergem num mundo (culinário) diferente, mas adivinha-se-lhes uma lógica produtiva semelhante. Observa-se, em todo o caso, uma diferença nítida na proporção entre o bojo e o colo. Parece que no romano predomina um colo mais estreito sobre um corpo vagamente ovóide enquanto que as peças tardias (islâmicas ou não) tendem a encurtar e a alargar em relação ao bojo, chegando-se ao extremo de uma relação de praticamente 2 para 3.

Ao considerar os materiais de Monte Cildá (Palência) e do castelo de Camargo (Cantábria) (C.E.V.P.P., 1991, p. 56), salta à vista a quase absoluta similitude com o grosso da cerâmica dos silos de Conímbriga. Destaca-se as asas largas e puncionadas, em material que, pela descrição, se aproxima do *grés*. A decoração ondulada é típica e insere-se numa atmosfera cultural idêntica à que esteve activa na bacia do Mondego num período muito posterior à romanidade. Também o Pátio da Universidade de Coimbra revelou estratos com presença desta cerâmica comum bem distinta, e em associação a fragmentos emirais (informação oral de Helena Catarino). De facto, as datações de Palência e de Camargo permitiram apontar para uma cronologia muito interessante; a cerâmica do primeiro sítio foi considerada visigótica, com sobrevivência até o século VIII, e a do segundo é vista como estádio posterior mas evolucionado (séculos VIII – XI). Neste último conjunto surgem algumas peças pintadas com traços finos de óxido de ferro, sem decoração reticulada, que tinha sido relativamente comum, embora minoritária, no período precedente. A série de Conímbriga apresenta decoração e formas associáveis, sem hesitação, ao Monte Cildá, apesar de já não existirem traços de derivações de *sigillata* com estampa decorativa (Jodin e Ponsich, 1967, p. 499-546),

o que permitiria apontar, pelo menos, para os alvares do século VI. Admitimos, pois, que o fenómeno de asas puncionadas tenha tido uma popularidade relativamente duradoura, com início em contexto puramente visigótico e com perdurações que atingem o período califal. A classificação baixo-imperial que por vezes lhe tem sido atribuída não se nos afigura aceitável, na medida em que pasta e decoração destoam de materiais anteriores ao século V.

Turina Gómez identificou formas idênticas em Zamora (Turina Gómez, 1994, p. 41 e 66-67), e os seus cântaros tipo 2 ostentam tanto a decoração ondulada como a asa puncionada. Mantendo a forma, diferem na utilização da matéria-prima, o que parece ser corrente em toda a província, mas pelo menos um dos cântaros é de pasta micácea. O intervalo cronológico proposto é bastante amplo (séculos XII a XIV), mas com um limite inferior surpreendentemente baixo. As jarras do tipo 3 parecem decalques das que encontramos nos silos de Conímbriga; o colo alto, largo e estriado sobre um corpo globular e base plana é bem diferenciável. Esta particularidade, aliada ao lábio recto e em bisel na parte interior, caracteriza um ciclo produtivo que termina no século XIII.

Na área urbana valenciana, as incisões puncionadas em asa surgem em ambiente já plenamente califal. O exemplar ilustrado por Bazzana (n.º 650) é inserido nos séculos XI e XII (Bazzana, 1983, p. 29), e é realmente estonteante a semelhança do seu colo carenado e ligeiramente virado para fora com os perfis da nossa terceira fase tardia. A descrição da pasta não destoa mas também não confirma uma ligação com o arenito “gresoso” de Conimbriga: ela é heterogénea, com desgordurantes.

Estes paralelos, se descontarmos o último, sugerem uma concentração na zona raiana a norte do sistema montanhoso central. Ou seja, entre as Beiras portuguesas e a área de Castilla y León. Santa Cruz da Vilariça, em Moncorvo, apresenta um leque de formas muito semelhante, e podemos afirmá-lo com um razoável grau de certeza porque foi publicado um catálogo bem ilustrado (Rodrigues e Rebanda, 1998, p. 101-126). As asas de lingueta ou de fita parecem abundantes, tal como a decoração de linhas onduladas e incisões. Não conhecemos paralelos para a Beira Interior, se exceptuarmos os de Nossa Senhora das Cabeças, mas seria de estranhar esta cerâmica comum surgir tanto no vale do Mondego como em Trás-os-Montes e na *Tierra de Campos* espanhola, sem ter ramificações intermédias. O que leva a outra questão. Se as ocasionais associações estratigráficas com material islâmico poderiam, à partida, indiciar um estímulo oriental, vemo-nos obrigados distanciar-nos dessa concepção. Parece-nos mais verosímil a coexistência entre uma produção regional, de base hispano-visigótica, e os novos, mas apesar de tudo indirectos, impulsos orientais.

3. Considerações finais

Uma análise mais elaborada será apresentada na tese, mas a partir destas impressões é já evidente que a ocupação pós-clássica de Conímbriga teve uma consistência bastante maior do que se supunha até agora. É verdade que a mera permanência física não implica necessariamente uma vida urbana (Gutiérrez Lloret, 1993, p. 15), mas afigura-se-nos cada vez mais provável que, pelo menos ciclicamente, a antiga *ciuitas* tenha acolhido grandes grupos de habitantes, de uma forma ou de outra organizados num determinado esquema social. Admite-se que até deve ter existido uma continuidade medieval com alguma firmeza, mais do que apenas uma série de ocupações sucessivas, se nos focarmos na cerâmica comum. E apenas com a paulatina transferência para a actual Condeixa-a-Velha se abandonaria o esporão fortificado, transformando-o num apetecido local de extracção de pedra e, por fim, em terra de cultivo e em olival.

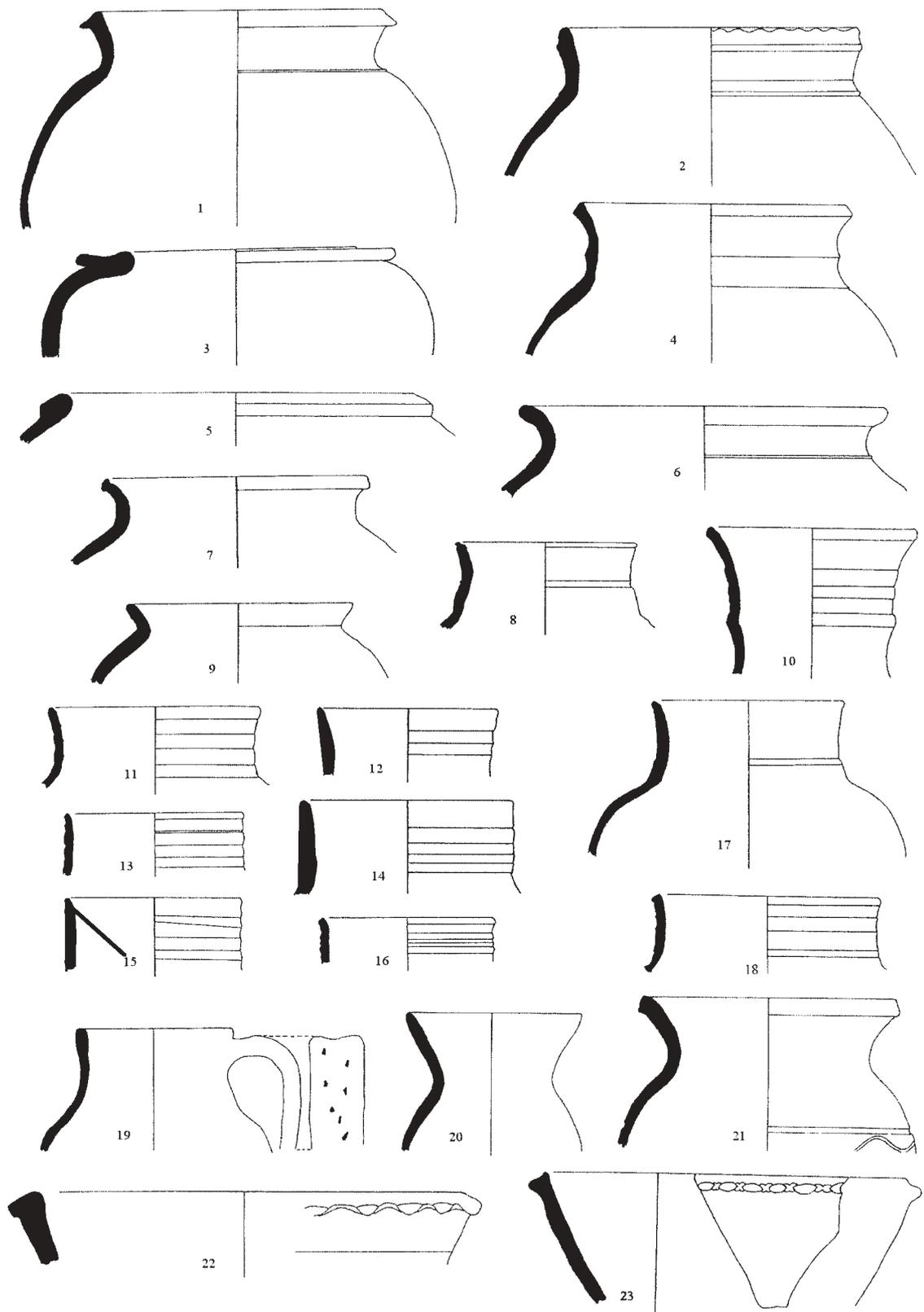


Fig. 1 Quadro dos morfotipos mais representativos.

NOTAS

- * Bolseiro de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

REFERÊNCIAS

- ACIÉN ALMANSA, M. (1993) - La cultura material de época emiral en el Sur de Al-Andalus. Nuevas perspectivas. In MALPICA CUELLO, A., ed. - *La cerámica altomedieval en el sur de Al-Andalus, Primer Encuentro de Arqueología y Patrimonio*. Granada: Universidad, p. 153-172.
- ALARCÃO, J. (1975) - *Fouilles de Conimbriga V, La céramique commune locale et régionale*. Paris: De Boccard.
- ALARCÃO, J. (no prelo) - *Conimbriga: 20 anos depois*.
- ALCORTA IRASTORZA, E. J. (2001) - *Lucus Augusti II. Cerámica común romana de cocina y mesa hallada en las excavaciones de la ciudad*. Pontevedra: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- ARGENTE OLIVER, J. L. (1979) - *La villa tardorromana de Baños de Valdearados (Burgos)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- BAZZANA, A. (1979) - Céramiques médiévales: les méthodes de la description analytiques appliquées aux productions de l'Espagne orientale. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid. 15, p. 135-184.
- BAZZANA, A. (1983) - *La cerámica islámica en la ciudad de Valencia I – catálogo*. Valencia: Ayuntamiento.
- BAZZANA, A. (1986) - *Essai de typologie des ollas valenciennes*. In *II Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental*. Madrid: Ministerio de Cultura, p. 99-106.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) - *Cerámica romana: tipología y clasificación*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- C.A.T.H.M.A. (1991) - Importations de céramiques communes méditerranéennes dans le midi de la Gaule (Ve – VII^e s.). In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, p. 27-48.
- C.E.V.P.P. (1991) - Cerâmicas de época visigoda en la península Ibérica. Precedentes y perduraciones. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, p. 49-68.
- CARVALHO, P. (2003) - O templo romano de Nossa Senhora das Cabeças. *Conimbriga*. Coimbra. 42, p. 153-182.
- CATARINO, H. (1997/98) - O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados, volume 2. *Al'Ulyā*. Loulé. 6.
- CEPAS PALANCA, A. (1995) - La ciudad tardía en Hispania: problemas metodológicos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:3, p. 415-424.
- COSTA, J. B. (2001) - *Estudo e classificação das rochas por exame macroscópico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DE MAN, A. (no prelo) - *Aspectos de Conimbriga tardo-antiga*.
- DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M. (1975) - *Fouilles de Conimbriga IV – Les sigillées*. Paris: Diffusion de Boccard.
- DELLA PORTA, C.; SFREDDA, N.; TASSINARI, G. (1998) - Ceramiche comuni, Ceramiche in Lombardia tra II secolo a. C. e VII secolo d. C. *Raccolta dei dati editi, Documenti di Archeologia* 16. Mantova: Società Archeologica Padana.
- DUFURNIER, D.; FLAMBARD, A.-M. (1987) - Réflexions à propos de l'apparition du grès en Europe occidentale, La céramique (V – XIX s.), Fabrication – Commercialisation – Utilisation. In *Actes du I Congrès International d'Archéologie Médiévale*. Caen: Société d'Archéologie Médiévale.
- ECHALLIER, J.-C. (1984) - *Éléments de technologie céramique et d'analyse des terres cuites archéologiques*. Lambesc: Association pour la Diffusion de l'Archéologie Méridionale.
- FERNÁNDEZ, J. H. (1992) - *Excavaciones en la necrópolis de Puig des Molins (Eivissa)*. Eivissa: Govern Balear, Conselleria de Cultura, Educació i Esports.
- GASPAR, A. (1985) - Escavações arqueológicas na Rua de Nossa Senhora do Leite, em Braga. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. Série II. 2, p. 51-126.
- GONZÁLEZ, J. (2001) - *La Huesa (Cañizal, Zamora), cerámicas tardorromanas y altomedievales de la Península Ibérica: ruptura y continuidad*. Mérida: II Simposio de Arqueología.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A. (2002) - La fortificación pre-feudal en el norte peninsular: castros y recintos campesinos en la Alta Edad Media. In *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb – Actas do Simpósio Internacional sobre castelos*. Palmela: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, p. 19-28.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1993) - De la civitas a la madina: destrucción y formación de la ciudad en el sureste de Al-Andalus. El debate arqueológico. In *IV Congreso de Arqueología Medieval Española*. Tomo I. Madrid: CSIC, p. 13-35.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1996) - *La cora de Tudmir de la Antigüedad Tardía al mundo islámico: poblamiento y cultura material*. Madrid - Alicante: Casa de Velázquez.
- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1998) - Il confronto con la Hispania orientale: la ceramica nei secoli VI – VII. In *Ceramica in Italia: VI – VII secolo. Atti del Convegno in onore di John W. Hayes*. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio.

- GUTIÉRREZ LLORET, S. (1998) - Eastern Spain in the sixth century in the light of archaeology. In *The transformation of the Roman world, vol. 3: The sixth century*. Amsterdam: Brill, p. 161-184.
- JODIN, A.; PONSICH, M. (1967) - Nouvelles observations sur la céramique estampée du Maroc. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*. Rabat. 8.
- LÓPEZ MULLOR, A.; FIERRO, J.; CAIXAL, A. (1991) - Hallazgos de cerámica gris medieval en las comarcas de Barcelona. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, p. 87-99.
- MARQUES, A. A. (2000) - Escavações arqueológicas no Castelo de Belmonte (1992-1995), In *Beira Interior, História e Património – Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: CMG, p. 253-286.
- N.R.F.R.C. (= The national Roman fabric reference collection) (1998) - A handbook (*MOLAS Monograph*; 2). London: Museum of London Archaeology Service.
- NOLEN, J. S. (1985) - *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. S. (1995) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Instituto Português de Museus e Museu Nacional de Arqueologia.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1993) - *Pottery in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PATTERSON, H.; ROBERTS, P. (1998) - Local pottery in southern Puglia in the sixth and the seventh centuries. In *Ceramica in Italia: VI - VII secolo, Atti del Convegno in onore di John W. Hayes*. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio, p. 511-530.
- PAVLONI, C. (1998) - Forme chiuse in ceramica comune del VI - VII secolo nei magazzini di Ostia, Ceramica comune tardoantica da Ostia e Porto (V - VII secolo), *Ceramica in Italia: VI - VII secolo, Atti del Convegno in onore di John W. Hayes*. Firenze: Edizioni All'Insegna del Giglio, p. 391-394.
- PESSOA, M.; RODRIGO, L.; SANTOS, S. S. (2001) - *Rabaçal, aldeia cultural – Roteiro*. Penela: Câmara Municipal.
- PINTO, I. V. (2003) - *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- POISSON, J.-M. (1998) - *Menaces extérieures et mise en défense des zones côtières de la Sardaigne pendant le Haut Moyen Âge*. Castrum 3. Madrid: Casa de Velázquez, p. 49-58.
- QUARESMA, J. C. (2001) - Terra sigillata africana D e foecense tardia das escavações recentes de *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, p. 69-81.
- REYNOLDS, P. (1995) - *Trade in the Western Mediterranean, AD 400-700: the ceramic evidence* (British Archaeological Reports International Series 604). Oxford: Tempus Reparatum.
- RODRIGUES, M. A.; REBANDA, N. (1998) - Cerâmicas medievais do povoado desertificado de S.ta Cruz da Vilarça. In *Actas das 2.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 153-172.
- SANCHES, T. (1972) - *Estudo por métodos físicos de alguns fragmentos de cerâmica de Conimbriga* (relatório dactilografado).
- TURINA GÓMEZ, A. (1994) - *Cerâmica medieval y moderna de Zamora*. Zamora: Junta de Castilla y León/Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo.
- VEGAS, M. (1973) - *Cerámica común romana del Mediterráneo occidental*. Barcelona: Universidad.
- GIL ZUBILLAGA, L.; SÁENZ DE URTURI, P. (2001) - *La necrópolis tardorromana, tardoantigua y altomedieval de San Miguele (Molinilla, Álava) - Memoria de las excavaciones arqueológicas de 1998 y de la intervención de urgencia de 1981*. Vitoria-Gasteiz: Museo de Arqueología de Álava.

